



Novos beatos: velhas paixões – Pe. Sizo de Santa Teresinha

Jesana Batista Pereira¹

Walcler de Lima Mendes Júnior²

Podemos começar assumindo uma posição do filósofo contemporâneo Slavoj Žižek que será desenvolvida ao longo dessa apresentação: “Se Deus existir então tudo é permitido”. Essa afirmação será submetida à certas considerações pós-estruturalistas sobre romeiros e beatos do sertão alagoano.

O romeiro sabe, o padre sabe, o beato sabe, a cidade encravada no sertão, semiárido, quase toda ela toma tenência de que se faço em nome de Deus então tudo me é permitido: cobrar o dízimo, empenhar as parcas economias da família, sacrificar o corpo dos idosos, por em risco o desenvolvimento das crianças, em nome de Deus tudo é permitido.

A grande maioria das pessoas é espontaneamente moral: torturar ou matar outro ser humano é profundamente traumático para elas. Então, para que elas o façam, é preciso uma Causa “sagrada” maior, uma Causa que faça qualquer preocupação individual mínima em relação à matança parecer trivial. A religião e o pertencimento étnico são perfeitamente compatíveis com esse papel (ŽIZEK; GUNJEVIC, 2013, p. 38 e 39).

O autor propõe que a violência em nome de Deus não é o que sai de errado, a anomia durkheimiana, o desvio de conduta clerical dentro de certo contexto religioso, mas, ao contrário, é o que afirma esse contexto enquanto instituição.

A História bem documentada de como a Igreja católica como instituição protege os pedófilos dentro de sua própria hierarquia é outro bom exemplo de como, se Deus existir, então tudo é permitido (para aqueles que se legitimam como servos de Deus). O que torna

¹ Doutora em Antropologia pela UFPE. Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Pós-Graduação do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL e do Instituto de Tecnologia e Pesquisa – ITP/UNIT/SE. Professora Titular I do UNIT/AL. Membro do Grupo de Pesquisa Nordestanças/UFAL. Atualmente trabalha em Projeto Financiados pelo IPHAN. jesanabpereira@gmail.com

² Doutor em Planejamento Urbano e Regional pela UFRJ. Pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Pós-Graduação do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL e do Instituto de Tecnologia e Pesquisa – ITP/UNIT/SE. Professor Titular II do UNIT/AL. Líder do Grupo de Pesquisa Nordestanças/UFAL. Atualmente trabalha em Projeto Financiados pelo IPHAN e CNPQ. walclerjunior@hotmail.com



tão repugnante essa atitude protetora em relação aos pedófilos é o fato de não ser praticada por hedonistas tolerantes, mas sim – para piorar ainda mais as coisas – pela mesma instituição que posa de guardião da moral da sociedade (idem, p.39).

Se você habita no amor divino, então não precisa de proibições, pode fazer o que quiser, pois se realmente habitar no amor divino, é claro que jamais teria vontade de cometer nenhum mal... Essa fórmula da suspensão religiosa “fundamentalista” do ético já foi proposta por Agostinho quando ele escreveu: “Ame a Deus e faça o que tiver vontade” (idem, p.41).

O problema é que essa liberdade desmedida guarda um paradoxo.

se você ama Deus, pode fazer o que quiser, porque quando fizer alguma coisa ruim será a prova de que você realmente não ama Deus. No entanto a ambiguidade persiste, pois não há garantia, externa a sua crença, do que Deus realmente quer que você faça – na ausência de quaisquer padrões éticos externos a sua crença em Deus e a seu amor por ele, você sempre correrá o risco de usar seu amor por Deus como legitimação para os feitos mais horrendos (idem, p.41).

Se essa ideia extrapola para as fronteiras da etnicidade definindo o que deve ser tomado como politicamente ético ou não as consequências tornam-se ainda mais desastrosas.

Para os nazistas, todo fenômeno de depravação, era imediatamente elevado a símbolo de degeneração judaica. Logo foi declarada a existência de uma conexão entre especulação financeira, antimilitarismo, modernismo cultural, liberdade sexual etc., uma vez que todos eram vistos como oriundos da mesma essência judaica, o mesmo agente semi-invisível que controlava secretamente a sociedade. Essa demonização tinha uma função estratégica precisa: ela justificava que os nazistas fizessem o que quisessem, uma vez que contra um inimigo desse tipo, no que hoje é um permanente estado de emergência, tudo é permitido (idem, p.40).

Mas, essa analogia com o totalitarismo não é, em termos políticos, o que melhor expressaria o fenômeno que vamos participar (ainda que na condição de corpos estranhos). Possivelmente, o que David Harvey chama de condição pós-moderna, fenômeno que expressa antagonismos e paradoxos, como o pensamento único do capital em perfeito convívio com o estado entrópico das estruturas, mesmo aquelas relacionadas a signos de tradição e continuidade, seja o que melhor aproxima os signos dos beatos e romeiros sertanejos dos signos de dominação e política em tempos atuais.

O progresso do capitalismo, que necessita de uma ideologia consumista, solapa pouco a pouco a própria atitude (ética protestante) que tornou o capitalismo possível. O capitalismo funciona cada vez mais como uma institucionalização da inveja (ZIZEK, 2012, p.14).



Relacionar essa condição do consumo e da inveja à qualidade e capacidade do romeiro pagar por ex-votos cada vez mais sofisticados e doações cada vez mais volumosas é o que aproxima esses signos. A crença aparentemente anacrônica, ganha velocidade e delírio ao se contaminar de capitalismo tardio com doses substanciais do pensamento pós-estruturalista.

Zizek denuncia o acultramento da instância política, o sequestro da mobilização política em nome de identidades, não mais de classe ou categoria (imediatamente refletindo a oposição entre interesses do capitalista e interesses do trabalhador), mas, culturais, estritamente relacionadas a identificações étnicas ou religiosas que passam a localizar ou referenciar em maior grau o homem como pertencente a tais e tais grupos dentro da sociedade. O problema segundo o autor é que as desigualdades de renda e as injustiças sociais prevalecem e permanecem como causa da pobreza, miséria e exploração do homem sobre o homem. Assim, quando se abre mão, dentro do debate político, das identificações de classe e categoria em nome das identificações culturais, religiosas e étnicas, algo muito mobilizador e esclarecedor das alteridades e embates entre classes sociais distintas ou das disputas pelos recursos disponíveis na sociedade, se perde ou se torna mais abstrato. A perda dessa percepção de classe trabalhadora pode levar a equívocos de análise e interpretação de fatos sociais. O aumento do grau de intolerância é via de regra interpretado como fenômeno relativo ao racismo direcionado a grupos étnicos específicos, mas, se essa interpretação permitisse questionar qual a condição material e social desses grupos vítimas de racismo iria encontrar não coincidentemente altas taxas de exploração, vulnerabilidade e risco social.

Na questão da ênfase sobre o embate entre tolerância e intolerância, Zizek afirma que:

É claro que não sou contra a tolerância em si, mas me oponho a percepção (contemporânea e automática) do racismo como um problema de intolerância. Porque tantos problemas são percebidos hoje como problemas de intolerância e não como problemas de desigualdade, exploração ou injustiça? A fonte dessa culturalização é a derrota, o fracasso das soluções políticas, como o Estado social-democrata de bem-estar social ou os vários projetos socialistas: a “tolerância” seu substituto pós-político (ZIZEK, 2012, p. 20).



Imaginar que as reações de tolerância e intolerância direcionadas ao contexto social dos beatos e romeiros do sertão nordestino produzem análises acadêmicas cada vez mais opacas e míopes a fatores de ordem material, pode revelar uma crítica não só aos beneficiados de sempre pelos resultados de um modelo social engessado na tradição e no conservadorismo do poder, mas também, o que seria mais surpreendente, a certos sujeitos identificados com causas sociais, oriundos do pensamento da esquerda transformadora e revolucionária.

Essa solução metodológica pode ser estratégica, conveniente, em tempos atuais. Considerando o apagamento das alteridades de classe e das desigualdades materiais, pode-se dentro do espaço étnico-religioso desfrutar do convívio de elementos antagônicos sem gerar paradoxo ou entropia. Dentro desse “*ethos*” romeiro experimenta-se de forma suprema o que Zizek chama de “*lógica espiritual do capitalismo tardio*”, *unindo espiritualidade e prazeres terrenos, transcendência e benefícios materiais, experiência divina e compras ilimitadas* (ZIZEK, p.23). A própria experiência do corpo, que em tempos outros era para ser escondido, reservado, guardado para os momentos íntimos da alcova devidamente autorizados pelo sacro-casamento perante Deus e o Estado, torna-se experiência de exposição e virtualidade, fotografias, “selfies”, ex-votos cada vez mais sofisticados, manequins de loja vestidos com tecidos finos, chapéu vitoriano com flores e renda, souvenir com o retrato dos beatos e romeiros, filmes, documentários, a relação ao mesmo tempo patriarcal e sedutora entre o padre milagreiro e seus “romeirinhos”.

Chega-se então a outro ponto central da leitura provocativa de Zizek, a ideia de que a globalização, a invasão tecnológica e as modernizações da sociedade no lugar de ameaçarem a tradição, aliam-se a ela no sentido de otimizar e agudizar as taxas de exploração entre ricos e pobres, dominadores e dominados, proprietários e não-proprietários.

Ao contrário, os efeitos de contaminação da tradição pela modernidade tende a valorizar a condição do dominado, porém, sem perspectivas de revolucionar ou inverter essa condição.



[...] o que Gandhi tinha em mente era uma ordem de castas (formalmente) não hierárquica, em que cada indivíduo tinha seu lugar próprio: ele enfatizava a importância dos catadores de lixo e louvava os intocáveis para cumprir essa missão sagrada. É aqui que os intocáveis são expostos a uma grande tentação ideológica: de um modo que prefigura a atual “política de identidade”, Gandhi permite a eles que se apaixonem por si mesmos em sua identidade humilhante, aceitem o trabalho degradante como tarefa social nobre e necessária e percebam até mesmo a natureza degradante de seu trabalho como sinal de seu sacrifício, de sua disposição de fazer o trabalho sujo para o bem da sociedade (...). Assim, culpa e responsabilidade são personalizadas, não é a organização da economia que é culpada, mas nossa atitude subjetiva que deve mudar (idem, p. 36).

Por analogia, trata-se então de pensar o signo romeiro como construção de identidade que se mantém na condição de dependência estática a uma determinada estética ou *ethos* que se transforma ao nível das tecnologias, imagens e *bric-à-bracs* do consumo, mas que se mantém estruturalmente conservando pobres e explorados em seu devido lugar, porém com orgulho e fé na sua condição. Existe aí, um orgulho paradoxal em ver a riqueza do templo em forma de castelo, cujos salões facilmente abrigam centenas de romeiros, cujos ex-votos cobrem teto, paredes e colunas em contraste com a pobreza individual dos romeiros. Os ônibus velhíssimos, as carroças e carros de boi, a permanência quase inacreditável dos caminhões pau-de-arara transportando a gente de fé para o lugar do culto em contraste com o carro oficial da prefeitura, os utilitários dos fazendeiros e o helicóptero, marco da tecnologia, pago com doações a jogar pétalas de rosas vermelhas sobre a multidão. Então não se trata de pensar a modernidade como ameaça às tradições, mas em uma convivência que guardava todas as possibilidades de produzir entropia e ruptura no sistema, porém, contra todas as probabilidades, agrega-se como agente inovador da tradição fazendo com que as coisas sigam mudando para continuarem iguais. Essa talvez seja a consequência mais desonesta desse deslocamento de uma política de classe para uma política de identidade. E o mesmo pode ser aplicado para identidades sustentadas pela questão racial, de gênero, de sexo. Em que guardada, a condição de orgulho gay, negro, feminino, para os representantes pobres desses grupos, pouco ou quase nada há de mudar em termos materiais.



Não coincidentemente, outro autor contemporâneo desenvolve essa conflitiva relação entre os estatutos da religião e das tecnologias e fenômenos de transformação propondo complementaridades e rupturas.

No limite, pretenderíamos, portanto, religar a questão da religião à questão do mal de abstração. (...) às formas do mal que, tradicionalmente, estão ligadas à extração radical e, portanto, ao desenraizamento da abstração, passando (...) pela questão dos lugares de abstração que são a máquina, a técnica, a tecnociência e, sobretudo, a transcendência teletecnológica. Religião e mecané, religião e ciberespaço, religião e digitalidade, religião e espaço-tempo-virtual. (...) em relação a todas essas forças de abstração e dissociação (desenraizamento, deslocalização, desencarnação, formalização, esquematização universalizante, objetivação, telecomunicação, etc.), a religião se encontra ao mesmo tempo, no antagonismo reativo e na supervalorização reafirmadora. Exatamente onde o saber e a fé, a tecnociência (capitalista e fiduciária) e a crença, o crédito, a fiabilidade, o ato de fé terão estado sempre comprometidos, no próprio lugar, no cerne da aliança de sua oposição. Daí a aporia – uma certa ausência de caminho, de via, de saída, de salvação - e as duas fontes (DERRIDA, 2000, p.12).

Ao focar sobre essa relação entre modernidade e tradição ou religião e política, Derrida reinventa e rasura o mito da cátedra, do isolamento da filosofia, do claustro que pensa o mundo a partir do silêncio e da solidão como defesa a contaminação e ameaça do cotidiano vulgar e profano.

Era uma vez, uma só vez, em uma ilha ou no deserto, imaginem, para falar de religião, alguns homens, filósofos, professores, hermeneutas, eremitas ou anacoretas, teriam arrumado tempo para imitar uma pequena comunidade, ao mesmo tempo esotérica e igualitária, amigável e fraterna. Talvez ainda fosse necessário situar essa narração, localizá-la no tempo e no espaço, indicar o lugar e a paisagem, o momento passado, o dia, datar o furtivo e o efêmero, singularizar, fazer como se estivesse sendo escrito um diário, do qual seriam rasgadas algumas páginas (...) sem palavra de ordem, salvo a mais clara e mais obscura das palavras: religião (...) cremos pré-compreender o sentido dessa palavra, nem que seja para poder questionar e com o objetivo de nos interrogarmos a respeito dela (idem, p.13).

A invenção de um princípio, origem, mitificação do mito, aponta como sátira para possibilidades de interpretação de um fenômeno que a crítica convencional apressadamente denomina de retrocesso, medievalização do homem moderno, ruptura clássica entre ciência e fé. A questão é que essa crítica parece não coincidir ou servir de ferramenta de leitura de fenômenos como, a fixação e reinvenção do signo do beato e seus romeiros, não como sujeitos anacrônicos e isolados em cadinhos de laboratório social, mas, de posse das tecnologias digitais, posando para “selfies” de celulares que



conectam em banda larga o vídeo musical de seus artistas preferidos. Como se depois de conquistar a lua, o micro e o macro universo, controlar mistérios da robótica e do átomo o homem da ciência e tecnologia se voltasse para princípios holísticos, tântricos, o corpo, a mente e o espírito irmanados na crença new age de um homem futuro gerado pela união estável entre as tecnologias de autoajuda e os números do mercado financeiro. Então, não se trata de ir buscar no romeiro uma espécie de outro desse homem moderno, mas, desafiar o caminho inverso e buscar nesse *yuppie* urbano características do romeiro.

Por que é tão difícil pensar esse fenômeno, apressadamente denominado de retorno das religiões? Por que é surpreendente? Por que deixa atônitos em particular aqueles que acreditavam, ingenuamente, que uma alternativa opunha, de um lado, a Religião e, do outro, a Razão, as Luzes, a Ciência, a Crítica (a crítica marxista, a genealogia nietzschiana, a psicanálise freudiana e respectivas heranças), como se a existência de uma estivesse condicionada ao desaparecimento da outra? Pelo contrário seria necessário partir de outro esquema para pensar o dito “retorno do religioso” (idem, p.15).

Platão em tempos de modernidade burguesa é rasurado pela capitalização do “mundo das ideias” marcando nessa capitalização, itinerários perversos de exploração do homem crente. O desencanto teleológico de Marx anuncia o fim dos grandes discursos fundadores, estes por sua vez se fragmentam em miríades de apelações discursivas que reinventam a luta de classes em nome do divino. A crônica da morte anunciada de Nietzsche evidencia o fortalecimento da ideia de “homem” do cristianismo desembocando nas mais reverberantes atitudes de intolerância religiosa. Religião como manifestação do pensamento. Uma modalidade de pensamento na ecologia humana dos modos de produção de sentidos e signos. Na economia política das trocas simbólicas, o sagrado, a crença, o sacrifício e o divino enredam formas de troca entre um poder transcendente que excede os desígnios dos acontecimentos terrenos e comanda a partir de senhas o destino daqueles que são convidados ou precisam decifrar o enigma para sobreviver à maquinaria perversa das moralidades, e um (des) poder dos sujeitos-viventes crentes e históricos imiscuído nas tramas invisíveis daquela maquinaria, onde os jogos de interesses individuais e de



classe fadarm esses sujeitos-viventes às mazelas do desengano. Qual a moeda de troca? O sacrifício.

Mas além do sacrifício, o fenômeno religioso consiste em crenças. Nas searas da crença, os romeiros enquanto fieis preocupados com os outros tendem a lhes dizer o sentido da vida e nesse sentido tornam-se prosélitos. Um proselitismo que eleva a esfera do sagrado a fonte dos recursos e dos poderes para se fazer frente aos perigos. Aquilo que recebem como graça daquela esfera é responsável pelas alegrias que sentem na participação no mundo do lado de cá.³

“[...] graças a Deus estou sendo romeiro de nossa senhora Santa Teresinha e sou bem abençoado, graças a deus sempre todos os domingos estou aqui com meu padrinho Sizo e nossa Senhora primeiramente com nosso Senhor Jesus Cristo que é quem nos salva a gente e nos socorre em todos os perigos e é por isso que agente somos romeiro e somos bem felizes (SILVA, 2015).

Chegar à fonte dos recursos divinos implica trajetórias diversas. No entanto, não é por obra do acaso que se chega à fonte, mesmo tendo se deparado com mediadores e a eles devotar confiança na intermediação com o divino, a principal força de atração vem do lado de lá, uma eleição, “um convidado para a messe do Senhor”. Encontrar um mediador é um sinal, uma senha, que facilita o percurso rumo à proteção divina. E assim os elementos rituais entram na economia política das trocas simbólicas.

“[...] Quem me levou primeiramente Nossa Senhora, né. Que a gente sempre ouviu falar que a gente pedindo com muita fé a gente consegue a felicidade e a cura. E ela cura mesmo de verdade. Então as pessoas falavam (...) disseram da hora da graça que Pe. Sizo tá pregando e é muito lindo essa hora da graça. Então eu procurei a rádio e até hoje eu assisto. Todos os domingos eu assisto a hora da graça (...) Todos os domingos tô aqui no santuário sei que o Brasil inteiro tá conhecendo esse santuário (...) vem muita gente de fora. Muita gente é feliz (SILVA, 2015).

O espaço oficioso do sagrado existe e é mantido graças à economia das promessas. É nele que o mediador oficializa a intermediação, derramando nos fiéis as bênçãos e graças que Jesus Cristo emana do céu.

³ Os dados etnográficos presentes neste trabalho são relativos a registros feitos por ocasião da Romaria ao Santuário Teresiano em Mata Grande no estado de Alagoas no dia 17 de Maio de 2015. O termo de autorização de uso de som, imagem e informações recolhidas no âmbito das ações de pesquisa e documentação estão assinados pelos informantes e de posse dos pesquisadores.



No imaginário cristão os santos são aqueles a quem o Pai delega poderes para interceder entre os homens e os poderes celestiais. Pe. Sizo, com sua indumentária ciceriana, qual Pe. Cícero do Juazeiro é um padrinho Santo, que entre a terra e o céu, com a ajuda dos poderes de Santa Teresinha, canaliza para seus “romeirinhos” as graças consignadas por Jesus Cristo aos filhos de Eva. “Ajudar no santuário” é uma moeda de troca por uma graça solicitada em promessa. Caixas de papelão lacradas em forma de cofre, com retratos de Frei Damião, Pe. Cícero, Pe. Sizo e imagens de Santa Teresinha e ladeadas por mulheres vestidas em um avental vermelho escrito: *RECEPÇÃO – Cenáculo Teresiano*, se multiplicam em diversos pontos no labirinto do santuário. Espaço não só sagrado, mas também cultural, onde podemos ver as diversas e plurais formas da experiência humana do divino. Os beatos conseguem capitanear séquitos de seguidores e pagadores de promessas, em nítida mercantilização da metafísica. Mas, por outro lado, para não sermos tão categóricos e cáusticos, e tomando a perspectiva dos peregrinos, dos romeiros e de toda sorte de gentes, os beatos conseguem dar sustentação ao medo, à dor, à incerteza, à tristeza e à melancolia, ao desconhecido, ao invisível, à dificuldade de compreensão, ao desamparo, à história, tanto individual quanto coletiva. Velhas paixões.

[...] perdi um documento e fiz promessa a nossa senhora se encontrar o documento iria ajudar no santuário. Ela é milagrosa e cura. Muitas pessoas chega aqui na hora da graça, pessoas que tem o corpo muito aberto, entra as coisa ruim na pessoa e a pessoa cai no chão e Pe. Sizo chega, meu padrinho chega e cura com a força divina, ele derramando as benção do céu, Jesus Cristo manda a benção do céu, ouve o pedido dele, e as pessoas ficam curadas e felizes com as graças que Jesus derrama a pedido de meu padrinho Sizo e o poder de nossa Senhora Teresinha. (...) Pe. Sizo pede com muita fé e é ouvido (...). Muita gente é protegido, graças a Deus (...). O Pai dá o poder aos Santos para eles interceder por nós (...) (SILVA, 2015).

Em meio às gentes que frequentam o santuário, outros predestinados a beato, imiscuídos na multidão, oficializam penitências por graças conseguidas, tanto de cunho pessoal quanto para o povo que o procura. Foi o caso de um dos romeiros entrevistados, que vestia uma batina preta e usava um chapéu do mesmo estilo do de Pe. Cícero, preto com abas largas. Mesmo



porque “o vestuário é para mostrar que está pagando penitência” (FRANCISCO DA SILVA, 2015).

[...] Venho trazendo muita graça que tenho conseguido, tanto pra mim quanto pro meu povo que chega em casa sempre, que eu sou curador e tenho essa penitência com idade de 15 anos (...) e eu não sei nem agradecer por tudo que meu Jesus misericordioso e Santa Teresinha tem fazido comigo (FRANCISCO DA SILVA).

Este romeiro é curador e disse que trabalha só com as ordens de nosso Senhor Jesus, só não com o “espiriticismo”, “essas coisas não é comigo, só com o Senhor Jesus”. Relatou que faz cura desde os 15 anos e que essa graça ele recebeu ainda no ventre de sua mãe. Pediu forças a Frei Damião e esse lhe passou as penitências para cumprir e poder ajudar o povo: jejuar duas vezes por semana e continuar pedindo a Deus por aquele povo que chegava a sua casa. Tabus e condutas de evitamento caracterizam o sagrado. O sucesso dos Profetas, e porque não dos beatos, deve-se ao fato de serem autóctones, eloquentes, e pregarem dogmas e práticas ao mesmo tempo simples e espetaculares (LABURTHE-TOLRA, 1997). Novos beatos?

“[...] Eu não quero a doação de ninguém. Deus me explicou-me as vezes alguém deixa alguma coisa mas não pra eu dizer assim não vou curar interessado no dinheiro interessado naquela graça que a pessoa vai receber (FRANCISCO DA SILVA).

Capitalizar a graça então para este romeiro/curador é roubar de Deus ou ser seu atravessador. E isto ele não quer, mesmo porque foi Deus Quem o explicou.

Da perspectiva de um beato predestinado desde o ventre da mãe, como é o caso de Francisco da Silva (2015), a prática implementada por Pe. Sizo de recolher assinaturas e designar atribuições para aqueles que se candidatam a padrinhos de uma imagem comprada para compor o cenário de Santos do santuário, pode ser vista como uma pedagogia para provedor:

[...] Sempre dia de sábado agente tamos aqui e eu sô padrinho da imagem e hoje vim trazer minha atribuição. (QUAL IMAGEM? - não se lembrava, e perguntou a um transeunte no corredor de souvenirs) - Senhor do Bonfim. (QUANDO É PADRINHO FAZ O QUE?) Dá uma doação né. Quando agente assina pra ser padrinho agente temos que guardar aquela atribuição pra naquele dia trazer. (QUANTO?) Cem reais. Pega uma camizinha (diga-se camisa hering com estampa de Santa Teresinha) de lembrança e dá os cem reais. E não é dinheiro



porque a glória que agente recebe não é dinheiro (FRANCISCO DA SILVA, 2015).

Toda imagem comprada com a ajuda dos romeiros/padrinhos, segundo a gestão do santuário implementada por Pe. Sizo, é encaminhada ao santuário com procissão que sai de um posto de gasolina situado na entrada da cidade de Mata Grande o qual comporta a multidão que se aglutina na medida em que existe um campo livre à frente do mesmo passível de acomodar todas as movimentações que o ensejo contempla, desde a concentração das pessoas em frente a um palanque de onde Pe. Sizo oficializa suas bênçãos e encaminha os passos e sentidos da procissão, até o lugar onde um helicóptero pousa entre uma subida e outras para jogar na altura do santuário pétalas de rosas vermelhas como sinal do amor.

Pe. Sizo, como beato, provedor, padrinho e “catequista do sertão” – como se autodenomina – tem seu lugar próprio no imaginário de seus “romeirinhos”:

[...] Eu gosto do Pe. Sizo porque ele é um homem muito simples, bom de viajar com agente, uma pessoa de Deus (DAMASCENO), 2015).

[...] Ele é um padre muito bom, muito maravilhoso, muito feitor de benfeitura pelas pessoas de Deuzu. É um padre guiado pelo padre Cícero Romão que é nosso padre conselheiro de fé (PORFÍRIO, 2015).

[...] Eu tenho o padrinho Sizo como meu padrinho Cícero e meu padrinho Damião. Eu pego com eles porque eu me valho deles e sou válida. Quando eu tô aperrada eu saio de casa venho pra'qui ele reza neu, eu fico boa, não fico boa de uma vez, sabe, mas graças a Deus a minha saúde só tá na igreja (DAMASCENO, 2015).

[...] Olha o Pe. Sizo ele é um padre diferente dos outros (...). ele é igual ao padre Cícero, ele é um padre igual ao meu padrinho Damião, entendeu? Porque ele é um padre de muito respeito, até as reza dele são diferente, todo mundo reza com ele, ninguém tem preguiça de rezar, eu admiro muito ele (...). Então hoje eu acho que ele tá no lugar de Pe. Cícero de meu padrinho Damião. Ele é um pregador mesmo, honesto, sincero, eu não tenho mais outra coisa que eu posso falar (VIEIRA DOS SANTOS, 2015).

O lugar ocupado por Pe. Sizo no imaginário de seus “romeirinhos” é situado pelos atributos de homem simples; pessoa de Deus; boa companhia para viajar nas romarias; ser maravilhoso; benfeitor; guiado pelo Pe. Cícero Romão; ser igual ao padrinho Damião; ser diferente dos outros, mas igual ao Pe. Cícero; ser um padre de muito respeito; ter reza diferente; estar no lugar de Pe. Cícero e padrinho Damião; ser pregador honesto e sincero.



Pe. Sizo, como fica evidente pela fala dos romeiros, está para Pe. Cícero, assim como para Frei Damião, na mesma envergadura de provedor, padrinho, benfeitor e pessoa de Deus, como assim aqueles se situam no imaginário das gentes do sertão. Estas gentes estabelecem suas práticas sociais e culturais a partir das imagens que constroem de seus “padrinhos”. Escolhidos padrinhos justamente porque comungam do mesmo ethos e se apresentam a partir de uma mesma estética. Se se pode identificar o signo romeiro, também se pode identificar o signo beato/provedor/padrinho. Signo complexo, pois agrega em um só processo semântico as condições para figurarem no posto que ocupam: a condição social de beato; o poder político e divino de prover e a expectativa de afeto, proteção e amparo dos padrinhos.

No que tange às graças alcançadas, muito se dá por elas. O circuito de reciprocidade que é inaugurado pela dor, pelo sofrimento, pela doença, pela perturbação, pela desordem moral, se retroalimenta no cumprimento da promessa, e neste caminho, da terra para o céu, o “dom” passa pelo intermediário, que garante a eficácia do pedido uma vez dotado de poderes celestes e representantes dos mesmos aqui no chão torrão – o beato/provedor/padrinho e o lugar oficioso da crença. Da perspectiva da dimensão cultural do homem crente e da economia das graças alcançadas, aqueles infortúnios são negociados pelo preço, por exemplo, de cem reais distribuídos na compra de uma caixa de fogos, um maço de velas e a imagem de Santa Terezinha. O troco⁴ vai para ajudar o santuário:

“[...] Vim só hoje para a romaria (...). Vim pagar minhas promessas. (A SENHORA FEZ PROMESSA PARA QUE?) Para ficar boa de um incômodo que senti. Uma dor que sentia nessa perna quase que não podia andar. Fui no médico, fui na reza e não encontrei né, ai prometi a Santa Teresinha, pedi uma benção né, e alcancei a graça e vim pagar hoje (...). Prometi uma caixa de fogos, um maço de velas, di cem reais e o restante deixar no santuário. É a ajuda de Santa Terezinha. Trouxe cem reais: 50 a imagem de Santa Terezinha, o maço de velas e os fogos, e o restante para o santuário, para ajudar o santuário porque não podia com mais (RICARDO DOS SANTOS, 2015).

⁴ Diga-se de passagem, os fogos, as velas, as imagens ou quaisquer outros inúmeros produtos relacionados aos símbolos sagrados se encontram *a venda* na loja de souvenirs que ocupa todo um corredor no subsolo do santuário, com prateleiras, balcões, televisores acoplados no teto transmitindo imagens dos vários ambientes do santuário e quadros com estampas de santos, expostos qual um empório de múltiplas mercadorias a deixar o consumidor embebido nas apelações visuais e funcionais dos dísticos sagrados.



De toda sorte, também os infortúnios que a doença traz são interpretados como tendo uma origem e, chegar ao alívio do infortúnio significa ter recebido a graça ou do esclarecimento das origens do infortúnio ou do esclarecimento de que a paciência é a mentora para o alcance do estado de suportabilidade na espera pelo esclarecimento do infortúnio:

“[...] Porque tenho pressão alta, tenho fraqueza tenho tudo porque tenho fastio (DAMASCENO, 2015).

(QUANDO A SENHORA VEM AQUI ALIVIA?) “[...] Não alivia não, não tem comida boa para eu, eu passo com aqueles pouquinho de comida. Como uma coisa quando não quero aquela como outra e assim vou passando, com as graças de Deus (DAMASCENO, 2015).

“[...] há uns 5 anos eu fui no médico eu tinha um quemor muito grande que parecia que saía fogo de dentro do meu estômago. Eu tinha que ficar de boca aberta senão eu me queimava lá dentro. Diz o médico que era uma gastrite crônica. Então eu fiz uma promessa, se madrinha Teresinha for servida de’u ficar boa eu ia pras missão vestida nessa roupa. E desde pouco tempo eu fiquei boa. Não sei pra onde foi mais o quemor dentro de mim e eu não tenho gastrite há muitos anos. Então eu já tive muitas graças por madre Santa de Teresinha. Primeiramente Jesus Cristo intercedido por ela. Fiquei boa (SANTOS, 2015).

Afora a movimentação por ocasião da romaria do dia 17 de Maio quando houve a chegada da imagem de Nosso Senhor do Bonfim, todos os Domingos caravanas de romeiros de toda procedência chegam a Mata Grande para visitas, pagamento de promessas, aconselhamentos com Pe. Sizo. Desde a madrugada pode-se ver uma movimentação na cidade que em função de suas ruas estreitas e curtas, muitas são impedidas de transitar carros. Pelas linhas de fuga da cidade estendem-se em longas filas caminhões, ônibus, pau-de-arara, caminhonetas, motos, cavalos, jumentos. Os vendedores ambulantes expõem suas mercadorias de forma improvisada ao longo das ruas, junto aos feirantes permanentes da cidade. Nas próprias barracas dormem em redes estendidas em varais.

Jovens, crianças, velhos se esquecem em gestos singulares expressando devoção, curiosidades, sofrimentos, encontros inauditos com amigos e familiares, esperanças ...

Considerações Finais



Na economia das trocas simbólicas, na ecologia do signo romeiros, consomem-se graças alcançadas, sacrifícios, alívio de fastios, curas, milagres, achados que estavam perdidos, felicidade, devoção, bênçãos, volta de filho pródigo, liderança, em cenário profano e sagrado; arcaico e moderno; rural e urbano; com pobres e ricos; analfabetos e letrados; brancos e pretos; e nada disso instaura paradoxalidades, pois “habitar no amor divino não precisa de proibições” (ZIZEK, 2013). A única proibição reduz a impossibilidade de dizer não. O lugar do herege, do gentio, do pagão é ser trazido a qualquer preço para o espaço desse “amor divino”, ser subjugado a esse Deus único, custe o que custar, a ferro e fogo. A violência em nome de Deus ou da utopia revolucionária é justificada pela certeza no grande Outro.

Referências

DERRIDA, Jacques. Fé e saber. As duas fontes da religião nos limites da simples razão. In: A religião. DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni (org.). São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

LABURTHE-TORA, Philippe. Etnologia-Antropologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ZIZEK, Slavoj. Vivendo no fim dos tempos. São Paulo: Boitempo, 2012.

ZIZEK, Slavoj. O amor impiedoso (ou: Sobre a crença). São Paulo: Autentica Editora, 2013.

ZIZEK, Slavoj; GUNJEVIC, Boris. O sofrimento de Deus: Inversões do apocalipse. São Paulo: Autentica Editora, 2013.

Referências dos Informantes

SILVA, José Votoriano da. Romeiro de Olivença. Povoado Pau D'Árco. Estado de Alagoas.

Entrevista gravada no dia 17 de Maio de 2015 em Mata Grande, Município de Alagoas.

FRANCISCO DA SILVA, Roberto. Romeiro de Pernambuco. Cidade de Águas Bela. Entrevista gravada no dia 17 de Maio de 2015 em Mata Grande, Município de Alagoas.



RICARDO DOS SANTOS, Luzinete Alves. Romeira de Santa Brígida. Estado da Bahia. Entrevista gravada no dia 17 de Maio de 2015 em Mata Grande, Município de Alagoas.

PROFÍRIO, Maria das dores. Romeira de Pernambuco. Cidade de Inajá. Entrevista gravada no dia 17 de Maio de 2015 em Mata Grande, Município de Alagoas.

SANTOS, Maria José Vieira dos. Romeira de Inhapi. Estado de Alagoas. Entrevista gravada no dia 17 de Maio de 2015 em Mata Grande, Município de Alagoas.

DAMASCENO, Ana Maria Silva. Romeira de Inhapi. Povoado Batata. Estado de Alagoas. Entrevista gravada no dia 17 de Maio de 2015 em Mata Grande, Município de Alagoas.